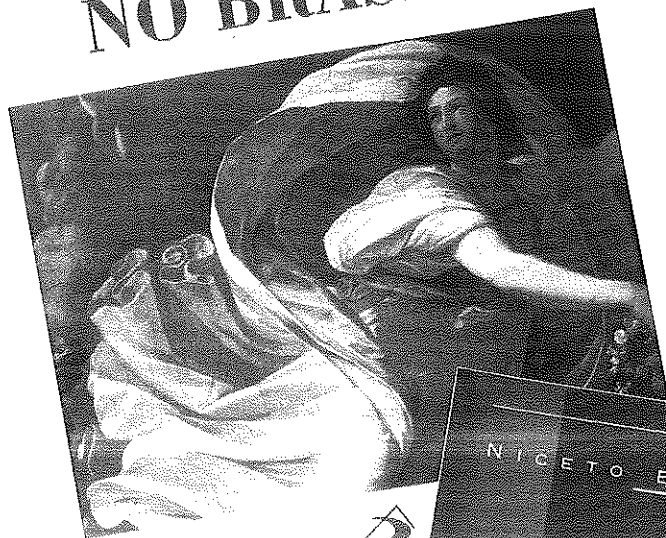
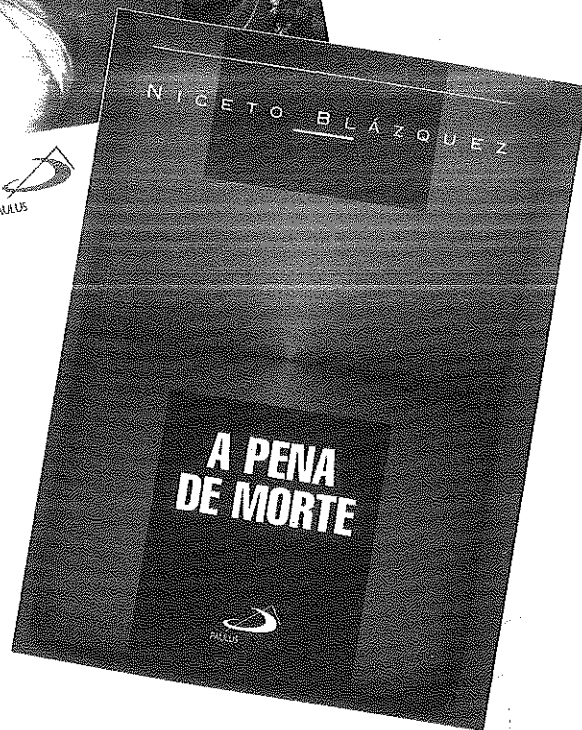


FERNANDO ARRUDA CAMPOS

TOMISMO NO BRASIL



PAULUS



MISSÃO CATIVA: A PRESENÇA EVANGELIZADORA DE ALVAR NÚÑEZ CABEZA DE VACA

Roberto Marinucci

Durante quase dois mil anos, o Cristianismo, na sua ação evangelizadora, sempre teve que se relacionar com o "outro". Diante do pobre, a Igreja teve uma postura - mais ou menos coerente - de solidariedade. Entretanto, frente à alteridade ela foi muito menos tolerante. Houve uma atitude de compreensão em relação ao pecador, mas não ao pecado pelo fato de ser diferente doutrinal ou culturalmente. Esta postura de rejeição da alteridade tornou-se hegemônica sobretudo depois de Constantino. A Igreja, agora ligada ao poder imperial, não sente a necessidade de escutar, solidarizar-se, dialogar com o "outro". Pode impor a sua doutrina.

Esta foi, na maioria dos casos, a postura dos europeus em relação aos povos indígenas, durante o período da conquista da América. O não reconhecimento da alteridade impediu a valorização das "sementes do Verbo"

presentes entre os povos indígenas. A missão da Igreja concretizava-se, quase exclusivamente, numa forma de sacramentalização que garantia a salvação da qual os não-católicos - segundo o Concílio de Florença¹ - eram privados.

Entretanto, às vezes, o que não se faz por escolha faz-se por necessidade. É este o caso de Alvar Núñez Cabeza de Vaca, conquistador espanhol, obrigado pelas circunstâncias a abrir-se à alteridade e a deixar-se cativar pelo "outro".

ALVAR NÚÑEZ CABEZA DE VACA

Sabe-se muito pouco da vida de Cabeza de Vaca antes da sua viagem para o Novo Mundo. Neto do famoso conquistador das ilhas Canárias, Pedro de Vera, nasceu, provavelmente, no final do século XV, na cidade de Jerez

¹ Cf. DENZINGER, *Enchiridion symbolorum, definitionum et declarationum de rebus fidei et morum*. Bologna: Dehoniane, 1995, n. 1351. Sobre os ensinamentos do magistério de papas e concílios acerca da salvação dos não-cristãos, no período anterior à conquista, ver: Jaques DUPUIS, *Verso una teologia cristiana del pluralismo religioso*. Brescia: Queriniana, 1997, p. 126-131.

de la Frontera. Começou, desde cedo, a carreira militar até participar como tesoureiro da expedição de Pánfilo de Narváez para a Flórida. Tudo leva a pensar que Alvar Núñez foi um dos muitos europeus que viajaram para o Novo Mundo movidos pela cobiça, pela atração do maravilhoso e pelo desejo de converter os nativos infiéis.

Contudo, “a sorte” ou, talvez, “a vontade de Deus” (Prólogo)² - como o próprio espanhol afirma - reservou um destino diferente para o conquistador.

A expedição de Pánfilo de Narváez, que zarpuou em 1527 rumo à Flórida, foi um fracasso. Após chegarem ao continente americano, os conquistadores espanhóis dirigiram-se para Apalache e, posteriormente para Aute, onde esperavam encontrar ouro ou, talvez, a fonte da juventude. Encontraram, na realidade, só milho e índios guerreiros. Dizimados pelos combates e pelas doenças, resolveram construir barcos para voltar à terra dos

cristãos. Todos os cinco barcos naufragaram. Para sobreviver, Cabeza de Vaca resolveu aceitar o cativo dos índios Capoques e Hans³.

Escravidado, Alvar Núñez permaneceu por quase dez anos entre os povos indígenas. Tornou-se mercador e, depois, curandeiro. Após fugir com três ex-companheiros de expedição, atravessou o atual território dos Estados Unidos de leste a oeste, chegando até o México onde reencontrou os espanhóis.

OS NAUFRÁGIOS

Sobre a experiência de cativo, Cabeza de Vaca escreveu um relato com o título de *Naufregios*. Publicados em 1542, os *Naufregios* são uma obra escrita *a posteriori*. É uma interpretação feita, num novo contexto, do cativo no meio dos povos indígenas. Como afirma Cesare Acutis, Cabeza de Vaca “conta, no interior da Instituição, os seus acontecimentos fora da Instituição; vestido, conta

a história de Alvar Núñez nu”⁴. De um ponto de vista hermenêutico, portanto, é necessário esclarecer o novo contexto no qual esta obra foi escrita. Alvar Núñez, regressando à Espanha desejava obter o cargo de Governador da Flórida. Para isso, era necessário se livrar de qualquer acusação sobre a sua responsabilidade de oficial no fracasso da expedição. Os *Naufregios*, nesse sentido, seriam uma “carta de apresentação” para obter os favores do imperador⁵. Estas reflexões ajudam a explicar a centralidade e o protagonismo da figura de Cabeza de Vaca nos *Naufregios*.

Entretanto, seria simplista reduzir os *Naufregios* apenas a uma obra auto-apologética. Como afirma José Rabasa, a riqueza do relato de Cabeza de Vaca está no fato de que é uma narrativa do encontro entre duas culturas⁶. Mesmo contendo grande nú-

mero de censuras - explicadas pelo novo contexto no qual Cabeza de Vaca está - os *Naufregios* são um valioso testemunho do encontro com o “outro”. É neste sentido que analisaremos o relato de Cabeza de Vaca.

O CATIVEIRO NO MEIO DOS POVOS INDÍGENAS

O encontro e o reconhecimento do “outro” acaba sempre transformando o sujeito. A alteridade questiona e enriquece. Os *Naufregios* mostram de uma maneira clara a transformação de Cabeza de Vaca no encontro com os povos indígenas. Esta passagem do espaço próprio ao espaço do “outro” é apresentada por Luisa Pranzetti utilizando a expressão “Espanha transferida”⁷. Os espanhóis, no começo da expedição, estão geograficamente no Novo Mundo mas, culturalmente falando, continuam na

² As citações dos *Naufregios* serão tomadas da seguinte edição: Alvar Núñez CABEZA DE VACA, *Naufregios y relación de la jornada que hizo a la Florida con el adelantado Pánfilo de Narváez*. Milano: Cisalpino-Goliardica, 1984.

³ Segundo Pupo-Walker as tribos que cativaram Cabeza de Vaca pertenciam ao grupo dos *Caranaguas* e a outras comunidades de filiação cahuilteca, que viviam na região adjacente ao Golfo do México (cf. Enrique PUPO-WALKER, *Los Naufregios de Alvar Núñez Cabeza de Vaca: notas sobre la relevancia antropológica del texto*. *Revista de Indias*, XLVII/181 (set/dec 1987): 757). O grande número, a diversidade e o rápido desaparecimento dos povos encontrados por Cabeza de Vaca dificultam uma análise específica das tribos por ele encontradas no longo da sua viagem.

⁴ Cesare ACUTIS, *Introduzione*. In: Alvar Núñez CABEZA DE VACA, *Naufregios*. Torino: Einaudi (Gli struzzi, 361), 1989, p. VI.

⁵ Cf. CROVETTO, *Introduzione*. In: Alvar Núñez CABEZA DE VACA, *Naufregios*. Milano: Cisalpino-Goliardica, 1984, pp. 16-18; Pedro LASTRA, *Espacios de Alvar Núñez: las transformaciones de una escritura*. *Cuadernos americanos*, XLIII/254 (mai/jun 1984): 150-164.

⁶ José RABASA, *De la allegoresis etnográfica en los Naufregios de Alvar Núñez Cabeza de Vaca*. *Revista Iberoamericana* LXI/170-171 (jan/jun 1995): 175-185; ver também Luisa PRANZETTI, *Un viaggio fatale*. In: Alvar Núñez CABEZA DE VACA, *Naufregios*. Torino: Einaudi (Gli struzzi, 361), 1989, pp. 140.

⁷ Cf. Idem, *Il naufragio come metafora (a proposito delle relazioni di Cabeza de Vaca)*. *Letterature d'America*, I/1 (1980): 5-28.

Espanha. A cultura espanhola dos conquistadores está no Novo Mundo como uma gota de azeite na água. É a “Espanha transferida” que se impõe diante da alteridade. O respeito pela hierarquia e pela burocracia bem como o uso do “outro” são testemunhos disso. Assim, por exemplo, após chegarem na Flórida, há uma tomada de posse ritualizada e burocrática (cf. III). Depois de tomar posse da terra, seguindo a práxis comum das expedições espanholas de conquista, Pánfilo de Narváez começa a “tomar” os índios. Como mercadorias, os indígenas são capturados, obrigados a dar informações e a serem guias nos hostis territórios (cf. IV.V). Neste momento inicial não existe nenhuma forma de abertura dos espanhóis ao “outro”.

Entretanto, rapidamente este quadro vai mudando. Os *Naufregios* contam com detalhes o progressivo desmoronamento da “Espanha transferida”. A fome, o frio, as doenças, a beligerância dos índios transformam os conquistadores em conquistados. A hierarquia perde totalmente valor. Os que antes “tomavam” os índios agora são “tomados” por eles. Há uma inversão da conquista que se torna evidente e expressiva no episódio da antropofagia: passando fome, um grupo de espanhóis chega a comer os companheiros de expedição falecidos. Diante da alteridade, a “Espanha transferida” desmorona totalmente.

Neste contexto, frente à impossibilidade de sobreviver, Cabeza de Vaca opta por se deixar cativar pelos índios. Só aprendendo as técnicas indígenas de sobrevivência é possível sobreviver. O encontro com o “outro” se faz necessário. É importante, neste sentido, sublinhar como o encontro de Cabeza de Vaca com a cultura indígena foi possível apenas pelo desmoronamento da “Espanha transferida”. À medida que o fidalgo espanhol percebe os limites da própria cultura, abre-se à alteridade. Quem não consegue relativizar a própria visão do mundo não pode se relacionar com o “outro” de uma maneira simétrica. É necessário, também, sublinhar que Alvar Núñez fez isso não por opção mas por pura necessidade de sobrevivência.

O cativo ao qual foi submetido o espanhol deve ser entendido como uma forma de partilha da vida dos povos indígenas. Cabeza de Vaca queixa-se da fome, dos duros trabalhos e dos maus tratos aos quais era submetido (XVI). Entretanto, ele mesmo afirma que os índios também passavam fome. Por outro lado, a difícil luta pela sobrevivência levava os próprios nativos a trabalhar arduamente. A escravidão era, portanto, uma partilha da vida dos índios, uma vida difícil para o nobre espanhol, mas a única que lhe garantia a sobrevivência.

A inserção de Cabeza de Vaca no mundo indígena e a progressiva transformação da sua identidade foram as conseqüências da partilha da vida do “outro”. Esta transformação nunca foi admitida, explicitamente, por Cabeza de Vaca. Entretanto, vários críticos conseguiram encontrar no seu texto alguns *lapses* do autor que revelam a radical inserção do espanhol no mundo indígena. Por exemplo, a naturalidade com a qual fala de ter comido carne crua ou carne de cachorro e a mudança de referências cronológicas - no lugar do calendário cristão utiliza os períodos da colheita. Além disso, no final dos *Naufregios* alguns textos desmascaram Alvar Núñez: na hora do encontro com os espanhóis na Nova Espanha (cf. XXXIV), Cabeza de Vaca fala, repetidamente, de três grupos de pessoas: os “cristãos”, os “indígenas” e “nós”, os curandeiros:

“O universo mental de Cabeza de Vaca - afirma Todorov - parece vacilar aqui, a incerteza quanto aos referentes de seus pronomes pessoais contribui, já não há dois partidos, nós (os cristãos) e eles (os índios), mas três: os cristãos, os índios e ‘nós’. Mas quem são esses ‘nós’, exteriores a ambos os mundos, por tê-los vividos ‘de dentro’?”⁸.

O encontro com o “outro”, concretizado na partilha da vida dos povos indígenas, transformou radicalmente o fidalgo espanhol. Ele não se sente indígena, mas, ao mesmo tempo, não consegue se identificar mais com os espanhóis. Esta transformação o ajudou a superar, parcialmente, alguns dos estereótipos do índio que contribuíam para legitimar a conquista e os seus crimes.

OS POVOS INDÍGENAS AOS OLHOS DE CABEZA DE VACA

Antes de mais nada, é necessário frisar que os *Naufregios* não são um tratado teológico-filosófico sobre os povos indígenas. Não se encontram na obra reflexões teóricas sobre os debates da época relativos à presença da alma ou das capacidades racionais dos índios. No entanto, narrando a sua experiência Cabeza de Vaca acaba expressando, implícita ou explicitamente, algumas opiniões sobre o assunto.

Os *Naufregios*, embora apresentem alguns dos preconceitos típicos da época, manifestam uma substancial valorização dos povos e das culturas indígenas. Cabeza de Vaca, já no prólogo da obra, fala de “bárbaras naciones”. Posteriormente, usa uma

⁸ Tzvetan TODOROV, *A conquista da América*. A questão do outro. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 197.

expressão extremamente dura: as terras encontradas seriam muito fecundas se fossem trabalhadas e habitadas por "gente de razão" (XIX)⁹. No decorrer do texto, as acusações mudam, sendo mais ligadas à experiência do que a preconceitos. Afirma-se assim que os índios são mentirosos, ladrões e bêbados (cf. XVIII).

Entretanto, essas acusações são matizadas por vários elementos: os próprios espanhóis, por exemplo, são duramente condenados por serem violentos e mentirosos (cf. XXXII). Uma análise global da obra mostra que Cabeza de Vaca valoriza as qualidades dos nativos como o amor pelos filhos (cf. XIV), a alegria (cf. XVIII), a generosidade (cf. XV.XXII.XXIII), a hospitalidade (cf. XXIII) e os "ingenios y industrias" (XXX). Alvar Núñez parece, na realidade, mais preocupado em descrever o que observou e viveu do que em emitir juízos morais.

Além disso, os índios nos *Naufra-gios* são, parcial ou totalmente, inocentados dos pecados contra a natureza dos quais costumavam ser acusados: a homossexualidade, a idolatria (sacrifícios humanos) e a antropofagia. Cabeza de Vaca fala da homos-

sexualidade (cf. XXVI) com extrema naturalidade¹⁰, mais para descrever a função dela na sociedade do que para emitir juízos. Em relação à idolatria e aos sacrifícios humanos, Alvar Núñez dá um importante testemunho: nas "dos mil leguas que anduvimos por tierra y por la mar en las barcas, y outros diez meses que después de salidos de captivos, sin parar anduvimos por tierra, no hallamos sacrificios ni idolatria" (XXXVI; o grifo é meu). Este testemunho do fidalgo espanhol ajuda a quebrar o estereótipo que relacionava os índios americanos aos sacrifícios humanos. Finalmente, a antropofagia: nos *Naufra-gios* narram-se dois episódios de canibalismo praticados não pelos índios, mas pelos espanhóis que, passando fome, acabaram comendo os companheiros mortos. Alvar Núñez conta que os próprios nativos ficaram escandalizados pelo comportamento dos europeus (XIV). É a inversão da conquista. Os verdadeiros bárbaros são os espanhóis. Desta maneira, os índios aparecem destituídos das duras acusações que costumavam legitimar as guerras de conquista. Qualquer formulação teórica de cunho mani-queísta - como foi o caso de Sepúlveda - "cede fren-

te à experiência pessoal da variedade cultural, frente à tomada de consciência crítica"¹¹. Esta tomada de consciência foi possível apenas pela partilha da vida cotidiana dos povos indígenas, através do cativoiro.

A EVANGELIZAÇÃO INCULTURADA EM DEFESA DA VIDA

É no contexto do cativoiro que se realiza a ação evangelizadora de Cabeza de Vaca¹². A religião, que na primeira parte dos *Naufra-gios* era relegada ao âmbito privado, de repente, torna-se pública¹³. Isto acontece quando Cabeza de Vaca foge com três ex-companheiros da expedição fracassada. Os cativos transformaram-se em curandeiros e andavam de aldeia em aldeia curando os doentes. Segundo Cabeza de Vaca os curandeiros ficaram muito famosos e eram acolhidos com reverência e dádivas. Tudo o que eles recebiam era sistematicamente partilhado com o grupo de índios que os seguiam.

Alvar Núñez, interessado em cativar os favores do imperador, enfatiza a autoridade dele e dos demais curandeiros. Contudo, uma leitura atenta do texto mostra que os protagonistas da transformação dos escravos foram os próprios índios. Nos *Naufra-gios*, fala-se claramente que foram os índios que obrigaram os escravos a se tornarem curandeiros - para que "sirviésemos en algo" (XV). A atividade de cura foi, assim, uma forma de serviço que os espanhóis foram obrigados a prestar à tribo. Partindo da Espanha para conquistar, os espanhóis acabaram servindo aos indígenas na luta em defesa da vida. A riqueza deste acontecimento está no fato de que a evangelização libertadora de Cabeza de Vaca partiu de uma iniciativa dos autóctones. O protagonismo do "outro" garantiu a eficácia da evangelização libertadora.

As curas que os quatro curandeiros praticavam eram uma forma de sincretismo entre costumes indígenas

⁹ Alguns capítulos antes, Alvar Núñez tinha falado dos índios como de "hombres tan sin razón" (XII).

¹⁰ Enrique PUPO-WALKER, *Los Naufra-gios...*, op. cit., p. 764.

¹¹ Guillermo GIUCCI, *Viajantes do maravilhoso*. O Novo Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 178.

¹² Usa-se aqui o termo evangelização no sentido amplo, abrangendo além do anúncio explícito, o testemunho, o serviço, a oração e o diálogo. Pode-se fazer referência ao documento do Secretariado para os não-cristãos, Diálogo e Missão onde afirma-se que a missão evangelizadora da Igreja se realiza através de cinco aspectos: a presença e o testemunho; o serviço e a promoção humana; a liturgia, a oração e a contemplação; o diálogo; o anúncio e a catequese (DM 13).

¹³ Cf. Silvia MOLLOY, *Alteridad y reconocimiento en los Naufra-gios de Alvar Núñez Cabeza de Vaca*. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, XXXV (1987): 444.

e religiosidade cristã (cf. XV). Assim, técnicas de cura autóctones eram complementadas por orações cristãs. Este sincretismo ou síntese entre as duas culturas revela, por um lado, a transformação da identidade de Cabeza de Vaca; por outro, confirma a abertura dele à cultura do "outro", sendo assim, pode-se falar, neste sentido, que sua ação libertadora em defesa da vida foi inculturada, no sentido de que partiu de uma iniciativa dos povos autóctones e foi praticada em continuidade com as referentes culturas.

OS HIJOS DEL SOL

Quando os curandeiros chegaram ao norte da Nova Espanha foram praticamente divinizados. Nos *Naufrágios*, afirma-se que eram considerados como "hijos del sol" (XXII) ou como pessoas que vinham do céu (cf. XXXI). A crença indígena em divindades que viriam do leste para reinar entre eles, com certeza favoreceu esta interpretação. O que nos interessa dessa divinização é que a autoridade dos taumaturgos foi alimentada também pelo fato de confirmarem as tradições religiosas dos povos que en-

contravam. As curas dos taumaturgos, longe de desvirtuar as tradições culturais e indígenas, "se apoyaban en un consenso de nociones y credos gestadas - a lo largo de siglos - por aquellos pueblos primitivos (sic). Sin más, las atribuciones de Cabeza de Vaca estaban implícitamente sancionadas por una tradición de supersticiones y creencias que se regeneraban y confirmaban en cada instancia curativa que él y los suyos llevaban a cabo"¹⁴.

É neste contexto que se inserem os supostos milagres de Cabeza de Vaca. Um aprofundado estudo de Jaques Lafaye mostra como, com o tempo, a partir do historiador Gomara, desenvolveu-se um processo que transformou as curas dos curandeiros em verdadeiros milagres¹⁵. Hoje, muitos críticos tendem a questionar a historicidade de algumas dessas curas. Entretanto, a análise dos *Naufrágios* mostra que o próprio Cabeza de Vaca assume uma "ceticismo saudável"¹⁶. A sua postura é ambivalente: por um lado enfatiza o sucesso das curas e a misericórdia de Deus que atua através dele (cf. XXI.XXII); por outro, desloca para os índios a

responsabilidade do êxito das mesmas (cf. XV). Esta ambivalência pode ser interpretada como uma "ambivalencia interior más profunda en el mismo protagonista-autor"¹⁷ em relação ao que estava acontecendo: a eficácia das curas é produto do consenso social - como num trecho Alvar Núñez parece afirmar¹⁸ - ou é consequência da misericórdia de Deus?

Não se pode esquecer, neste contexto, a atmosfera de misticismo religioso que alimentava a conquista¹⁹.

O próprio Cabeza de Vaca interpretou a sua longa viagem até a Nova Espanha a partir dos contos hagiográficos, tão difusos na Espanha da época²⁰.

O ANÚNCIO DO DEUS CRISTÃO

Cabeza de Vaca não se limitou a testemunhar o Deus cristão através do serviço em defesa da vida. Nos *Naufrágios*, estão presentes vários episódios de anúncio explícito. Este é caracterizado por ser privado de qual-

¹⁷ Robert E. LEWIS, *Los Naufrágios de Alvar Núñez: historia y ficción. Revista Iberoamericana*, XLVIII/120-121 (1982): 692.

¹⁸ No capítulo XXVII, assim escreve Cabeza de Vaca: "y nos trajeron sus enfermos, que santiguándolos decian que estaban sanos; y el que no sanaba, creia que podíamos sanarle; y con lo que los otros que curábamos les decian, hacian tantas alegrías y bailes, que no nos dejaban dormir" (XXVII, 128; o grifo é meu). A maioria dos índios que não se sentia curada era convencida pelos demais sobre o poder dos curandeiros.

¹⁹ Fernando MIREs, *In nome della croce. Dibattito teologico-politico sull'olocausto degli indios nel periodo della conquista. Celleno (VT), San José- Costa Rica 1986: La Piccola Editrice*, 1991, pp. 39-47.

²⁰ Enrique PUPO-WALKER, *Pesquisas para una nueva lectura de los Naufrágios de Alvar Núñez Cabeza de Vaca. Revista Iberoamericana*, LIII/140 (1987): 521-532. Este crítico identifica uma "velada codificación de acciones ritualizadas que remiten, principalmente, a un copioso discurso hagiográfico y a creencias que tuvieron un profundo arraigo popular a lo largo de la Edad Media y aún después" (Ibidem, pp. 521-522). Ou seja, Alvar Núñez teria codificado e interpretado o longo caminho dos taumaturgos a partir dos contos hagiográficos tão difusos na Espanha da época. Entre estas ações ritualizadas pode-se destacar o número de acompanhantes (três ou quatro mil), a presença de cegos e zanolhos, as pregações, as curas, a distribuição de comida, além de elementos simbólicos como a nudez e o isolamento. A viagem rumo à Nova Espanha, nos *Naufrágios*, transforma-se numa grande romaria (cf. Robert LEWIS, *Los Naufrágios...*, op. cit., p. 692; Juan Francisco MAURA, *Veracidad en los Naufrágios: la técnica narrativa de Alvar Núñez Cabeza de Vaca. Revista Iberoamericana* LXI/170-171 (en./jun 1995): 193-194).

¹⁴ Enrique PUPO-WALKER, *Los Naufrágios...*, op. cit., p. 772.

¹⁵ Cf. Jaques LAFAYE, *Mesías, cruzadas, utopias. El judeu-cristianismo en las sociedades ibéricas. México: FCE, 1984.*

¹⁶ Guillermo GIUCCI, *Viajantes...*, op. cit., p. 179.

quer forma de demonização da religiosidade dos povos autóctones. Pelo contrário, Cabeza de Vaca, como São Paulo no areópago, chegou a anunciar o Deus cristão em continuidade com a religiosidade indígena:

“y preguntados en qué adoraban y sacrificaban, y á quién pedían el agua para sus maizales y la salud para que ellos, respondieron que á un hombre que estaba en el cielo. Preguntámosles cómo se llamaba, y dijeron que Aguar, y que creían que él había criado todo el mundo y las cosas de él. (...) Nosotros les dijimos que aquel que ellos decían, nosotros lo llamábamos Dios, y que así lo llamasen ellos, y lo sirviesen y adorasen como mandábamos, y ellos se hallarian muy bien de ello” (XXXV).

O anúncio do espanhol, mais que uma exposição doutrinal era um esclarecimento da sua ação libertadora de taumaturgo: “y dijimosles por las señas que nos entendían, que en el cielo había un hombre que llamábamos Dios, el cual había criado el cielo y la tierra, y que este adorábamos nosotros y teníamos por Señor, y que hacíamos los que nos mandaba, y que de su mano venían todas las cosas buenas, y que si así ellos lo hiciesen, les iría muy bien de ello” (XXXI; o grifo é meu).

O anúncio explícito visa desvelar a ação de Deus, que se faz presente na história, sobretudo através da

práxis libertadora. Cabeza de Vaca, curando os doentes e partilhando os bens, não precisava demonizar o “outro” para anunciar o evangelho. Não precisava falar do inferno para anunciar o Deus da Vida. A demonização do “outro” e o medo do castigo eterno são os últimos recursos de quem desvincula o anúncio explícito da práxis libertadora, do serviço e do testemunho.

O JUÍZO DO “OUTRO”/POBRE

Os Padres da Igreja afirmavam que os pobres nos julgarão no final dos tempos. Seremos julgados pela maneira com a qual tratarmos os pequeninos de Deus: “Tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e vieste ver-me” (Mt 25,35-36). Na realidade, o juízo escatológico começa desde agora. A ação de Cabeza de Vaca também foi julgada pelos índios pobres, “outros” e vítimas da conquista. No final dos *Naufrágios*, no momento do encontro com os demais espanhóis, o grupo indígena que seguia os curandeiros soube, assim, separar o joio do trigo: os índios diziam que “nosotros veníamos de donde salía el sol, y ellos donde se pone; y que nosotros sanábamos los enfermos, y ellos mataban los que estaban sanos;

y que nosotros veníamos desnudos y descalzos, y ellos vestidos y en caballos con lanzas; y que nosotros no teníamos cobdicia de ninguna cosa, antes todo cuanto nos daban tornábamos luego á dar, y con nada nos quedábamos, y los otros no tenían otro fin sino robar todo cuanto hallaban, y nunca daban nada á nadie” (XXXIV)

Refletindo entre eles, os índios perceberam a grande diferença entre os quatro taumaturgos e os soldados espanhóis. Os primeiros vinham do leste, confirmando as tradições religiosas indígenas; partilhavam o que tinham, reduzindo a fome dos nativos; vinham nus, descalços e sem violência, partilhando a vida dos outros/pobres e deixando-se cativar pelas tradições culturais deles; curavam os doentes, anunciando o Deus da vida. Os soldados espanhóis, ao contrário, vinham do oeste; roubavam tudo o que podiam; chegaram a cavalo - do lado do poder - e com lanças - usando a violência; matavam os que estavam sadios.

A avaliação que os índios fizeram da presença evangelizadora de Cabeza de Vaca revela as prioridades de uma missão inculturada e libertadora: a luta em defesa da vida e da dignidade, a partilha dos bens, a opção pelo lugar social e cultural do “outro”/pobre, o diálogo inter-religioso. Escravizado pelo outro, Cabeza de

Vaca deixou-se cativar por ele, até o ponto de se tornar sinal da presença de Deus na história dos povos indígenas. Foi esta abertura involuntária à alteridade que lhe permitiu desenvolver uma presença evangelizadora tão eficaz.

A EVANGELIZAÇÃO E A COLONIZAÇÃO NÃO-VIOLENTAS

A partir da experiência que teve no meio dos povos indígenas, Cabeza de Vaca chegou à conclusão de que o único modo para converter os índios era através da persuasão: “por donde claramente se ve que estas gentes todas, para ser atraídas á ser cristianos y á obediencia de la imperial majestad, han de ser llevados con *buen tratamiento*, y que *este es camino muy cierto, y otro no*” (XXXII; o grifo é meu). É estando descalço e andando a pé que se deve evangelizar e colonizar e não, estando a cavalo e com lanças.

Depois de voltar à Espanha, Alvar Núñez foi nomeado Governador do Rio da Prata, onde experimentou um modelo de evangelização e colonização não-violenta. Mas foi justamente na América do Sul, onde Cabeza de Vaca revelou os limites e as ambigüidades do seu pensamento. A partir dos seus ideais não-violentos, tentou eliminar qualquer forma de exploração dos guarani: proibiu o comércio

com os índios e o tráfico de mulheres; estabeleceu alianças com os caciques oferecendo dons; considerou a guerra uma *extrema ratio*, um recurso a ser utilizado quando qualquer outra forma de mediação fosse impossível. Apesar disso, a expedição dele foi um fracasso. Foi obrigado a guerrear repetidamente com os guarani até o dia em que foi deposto por um golpe e repatriado.

A raiz deste fracasso está na ambigüidade do projeto de Alvar Núñez: ele estava profundamente convicto da possibilidade de conciliar os interesses da Coroa com aqueles dos povos indígenas. Não conseguiu perceber a conflitividade da realidade. "Él - segundo Lacalle - concibe la conquista como una incorporación de los indígenas al cristianismo dentro de la ordenación de la Corona, de la que es representante y funcionario, procurando obtener beneficios materiales y morales para ambas partes"²¹. Os anos passados no meio dos povos indígenas o levaram a ser um defensor de uma forma pacífica de colonização mas, em nenhum momento, induziram-no a contestar a colonização em si. O fracasso da expedição do Rio da Prata revela o limite da tentativa de conciliação entre os interesses dos índios e da Coroa.

Cabeza de Vaca não percebeu que estar no meio dos índios sendo, por vontade deles, taumaturgo a serviço da vida, não era a mesma coisa que estar no meio deles sendo Governador a serviço da Coroa, encarregado de colonizar o território, destruir a idolatria e procurar riquezas. Mesmo com as suas boas intenções, no Rio da Prata, estando "a cavalo", do lado do poder, não podia obter o mesmo respeito que tinha quando estava "descalço", cativado pelos índios e partilhando a difícil vida deles.

CONCLUSÃO

Cabeza de Vaca foi um herói por acaso. A sua abertura à alteridade foi devida essencialmente à necessidade de sobreviver. Entretanto, apesar das numerosas ambigüidades, o cativo no meio dos índios o ajudou a superar muitos dos preconceitos da época e a praticar uma ação evangelizadora reconhecida pelos povos indígenas.

Na origem de tudo isso está o cativo, ou seja, o encontro com o "outro", a abertura à alteridade. Diferentemente de Robinson Crusóé, que conseguiu reproduzir a sua civilização num contexto diverso, permanecendo "outro" à cultura autóctone, Cabeza de Vaca partilhou a vida dos índios,

aproximou-se da cultura deles, colocando-se a serviço das necessidades vitais. Desta maneira, progressivamente, a ação do cativado tornou-se cativante. É esta a missão cativa de Cabeza de Vaca.

Hoje, a Igreja é chamada a fazer por opção o que Cabeza de Vaca fez por necessidade. O papel fundamental dos leigos na missão; a partilha da vida do outro/pobre; a mudança de lugar social e cultural; o protagonismo dos povos evangelizados; a luta libertadora em defesa da vida; a evangelização em continuidade com as culturas e as tradições religiosas alheias são caminhos que podem ajudar na difícil tarefa da evangelização.

Não há soluções prontas nem definitivas. Os nossos próprios limites e as rápidas transformações sociais e culturais nos obrigam ao contínuo discernimento. O importante é não cair no erro de Cabeza de Vaca que viveu, por quase dez anos, uma intensa experiência de evangelização inculturada e libertadora sem conseguir descobrir a sua imensa riqueza.

Roberto Marinucci é Mestre em Teologia Dogmática com Concentração em Missiologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

²¹ Carlos LACALLE, *Noticias sobre Alvar Núñez Cabeza de Vaca. Hazañas americanas de un caballero andaluz*. Espanha: Siruela S/A, 1990, p. 120.